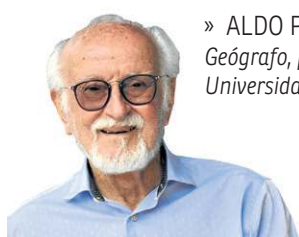


# Brasília como lugar central na organização urbana do país



» ALDO PAVIANI  
Geógrafo, professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

O mundo urbano mudou desde 1933, quando August Lösch e Walter Christaller formularam a Teoria do Lugar Central (TLC). Já se passaram mais de 90 anos e, contemporaneamente, não se pode encontrar lugares em que exista uma cidade com comando de apenas seis outras em uma região, como quer a TLC. Sempre há um grande centro que comanda 10, 20 ou mais cidades. Exemplos disso são cidades brasileiras como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e muitas outras com cidades satélites dependentes do grande centro para a obtenção de bens, serviços e resolução de problemas ligados à governança ou com alta preferência para compras em indústrias ou em comércios de maior porte. Todavia, não há por aqui território com redes urbanas num sistema hexagonal, com uma cidade central e as dependentes ao seu redor uniformemente distribuídas no estilo centro-periferia, formando estruturas hexagonais, como explícita o sistema proposto Christaller e Lösch. Logicamente, pela colonização europeia das Américas, há mais cidades importantes ao longo do litoral do que no hinterland (interior), mas

se pode dar exemplos de cidades, particularmente capitais, importantes no interior fugindo do modelo litorâneo, fundado pelo colonizador. As capitais interiores importantes do Brasil comandam regiões por vezes com territórios expressivos, como é o caso de São Paulo, cuja área de influência se estende por todo o país. As redes urbanas formadas por esses centros não apresentam nenhuma característica hexagonal, como na TLC, com a distribuição de cidades subalternas, tal como explicitado nessa teoria.

Em que pesem o imaginado nas teorias e sua aplicação à realidade urbana, devemos avaliar a cidade que se formou a partir de um núcleo de sustentação. Por exemplo: em Brasília, o Núcleo Bandeirante, que denominei de “verdadeiro empório”, tendo mão de obra e comércio local que deram impulso às obras da Esplanada dos Ministérios. Além disso, foi cidade acolhedora, essencial para que o “sonho de Dom Bosco” se tornasse a Brasília, cidade hoje com 65 anos e ampla estruturação e organização espaciais. Brasília é viva e pujante, verdadeiro polo de desenvolvimento, como queria o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK).

Igualmente, Brasília facilitou a implantação da cidade de núcleos múltiplos (como denominei há quase 20 anos). A capital consolidou-se como cidade em formato estelar, disseminada no território, agregando ao seu redor núcleos urbanos de abrigo para trabalhadores, como Taguatinga, em 1958 e, depois, Gama, em 1960, e outras adiante. Compuseram-se, assim, os demais núcleos urbanos. Houve também a expansão de Brazlândia e

de Planaltina, cidades preexistentes à estruturação do Distrito Federal (DF).

Com isso, a Brasília de hoje irradia desenvolvimento e as relações macrorregionais de todo o país. No entender deste geógrafo, faltam alguns movimentos em direção ao Norte do Brasil e ao “Meio Norte”, ou ao ocidente do Nordeste. Essa sub-região espera planos e projetos para melhorar a ligação com o centro do poder decisório, Brasília, e com o Sul agroindustrial. É de se esperar que a trama urbana envolvente acabe por assimilar essa parte menos desenvolvida do Brasil. Para isso, deve-se avaliar os potenciais dessa região para incluí-los naquilo que passou a se denominar “Brasil desenvolvido”. Hoje, o Sudeste se destaca no crescimento, com a história econômica desenvolvimentista, tanto no que tange aos investimentos do governo local e nacional, quanto na recepção e implementação de indústrias e empresas privadas.

Considera-se Brasília, implantada e efetivada como capital do país, um centro em expansão populacional e econômica de maior expressão, percentualmente, que o Centro-Oeste e o sul do Norte do país. A JK e a todos os trabalhadores se devem os esforços para cumprir as metas estabelecidas pelo ex-presidente. Se planejada ou não, a cidade é mundialmente reconhecida como a capital do “terceiro milênio”. Brasília sempre será importante no sentido de que se realizem estudos sobre a organização das redes urbanas e as geometrias espaciais da região da capital que vão possibilitar a organização e o planejamento da área de influência da cidade.

## Entre muros e pontes: a revolução espiritual de Francisco



» FÁTIMA SOUSA  
Professora da Universidade de Brasília (UnB) e superintendente do Hospital Universitário da UnB

Desde que subiu ao trono de Pedro em 2013, o papa Francisco imprimiu à Igreja Católica um vigor reformador que sacudi estruturas, desafiou ortodoxias e devolveu à fé seu rosto mais humano. Em tempos de muros, medos e exclusões, ele escolheu pontes, coragem e acolhimento, uma liderança espiritual que reconecta o sagrado à dor do mundo.

Primeiro papa latino-americano da história, Francisco trouxe à tona uma Igreja mais próxima dos pobres e vulneráveis, desafiando tradições de formalismo e rigidez. Ele fez da periferia — geográfica e existencial — o novo centro de sua ação. Em visitas a comunidades marginalizadas, campos de refugiados e prisões, mostrou que o cuidado pastoral começa escutando os que historicamente foram deixados à margem.

Ele também não se furtou a denunciar as feridas do nosso tempo, como a injustiça social, a desigualdade econômica, a crise ambiental e o drama das migrações. Enfrentou temas espinhosos: a acolhida de imigrantes e refugiados, os direitos das pessoas LGBTQIA+, a proteção dos pobres e a crítica aos excessos do capitalismo. Sua liderança rompeu barreiras, inspirando católicos e não católicos ao redor do mundo e, entre suas contribuições, está o fortalecimento do diálogo inter-religioso.

O papa promoveu encontros históricos com líderes muçulmanos, judeus, budistas e de outras tradições, afirmando que a convivência pacífica é não apenas possível, mas necessária em um mundo dividido. Seu gesto mais emblemático foi o Documento sobre a Fraternidade Humana, em Abu Dhabi, em 2019, um chamado pela paz e pela convivência entre os povos.

No campo ambiental, sua encíclica Laudato Si' (2015) foi divisor de águas. Nela, colocou a crise climática como uma questão moral e espiritual, convocando toda a humanidade para uma “conversão ecológica” que repense nosso modo de vida e relação com a natureza. Sua defesa da causa comum ecoou internacionalmente e influenciou debates globais sobre meio ambiente.

Entretanto, seu papado também foi um tempo de tensões, pois enfrentou resistências internas tanto dos conservadores, que consideraram suas posturas ameaçadoras à tradição, quanto de progressistas, que às vezes o julgaram tímido em promover mudanças mais profundas. Mesmo assim, manteve-se fiel à sua visão: uma Igreja que, como hospital de campanha, acolhe os feridos do caminho.

Além das grandes ações públicas, dedicou-se a um trabalho de reforma espiritual mais silencioso, mas igualmente profundo. Alertou contra o que chamou de “doenças da alma” — como o medo, o preconceito e a falsa religiosidade, que geram exclusão; a indiferença diante do sofrimento alheio; o “Alzheimer espiritual”, que faz esquecer a memória do amor de Deus; e o “martismo”, ou ativismo vazio, que sufoca a interioridade. Com isso, antecipou o diagnóstico de outras doenças universais da humanidade: a arrogância moral, a cobiça disfarçada de zelo e o fechamento insensível diante da alteridade.

Sua pedagogia é a da inclusão e da esperança. Em um mundo tentado pela polarização e pelo individualismo, Francisco convida à construção de pontes, não de muros. Seu exemplo recorda que a fé autêntica é inseparável do compromisso com a dignidade humana, com a justiça social e com o cuidado dos mais frágeis.

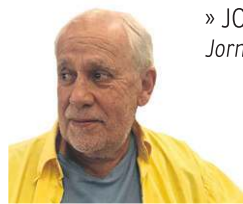
Ao completar mais de uma década de pontificado e depois partir para a eternidade, deixa como legado uma Igreja mais atenta às dores do mundo e uma mensagem que transcende fronteiras religiosas: a de que outro futuro é possível, se construído sobre o respeito, a solidariedade e a compaixão.

Em breve, o conclave anunciará o novo pontífice. Será esse novo líder capaz de sustentar os avanços deixados por Francisco e caminhar adiante? Caberá a ele manter viva a chama de uma Igreja aberta, sinodal e corajosa, e reencontrar as juventudes com uma fé que se renova na escuta, na ousadia e na ternura.

Porque não basta repetir gestos simbólicos, será preciso discernimento, empatia e disposição para enfrentar as mazelas da humanidade e das instituições. Quem não se perca o que foi plantado, pois é urgente extirpar, com firmeza e delicadeza, os vírus da convivência que corroem a dignidade nas estruturas coletivas: a fofoca travestida de zelo, a inveja camuflada de crítica, a arrogância dos que confundem hierarquia com superioridade e toda forma de vaidade que transforma o servir em palco de vaidades. Que os ventos soprem contra os que, com ambição, desconfiança ou apego ao passado, desejam apenas preservar privilégios ou restaurar catedrais que já não tocam os corações.



## Caldeirão político do DF aumenta a fervura



» JOSÉ NATAL  
Jornalista

Em abril, a cidade soprou velinhas pelos 65 anos de vida. Idade simbólica, que confirma, na prática, alto grau de política, que supera problemas e conduz com sabedoria os rumos da democracia no país. A se confirmar o previsto, teremos no desenho sucessório de 2026 no Distrito Federal um elevado número de mulheres participando das disputas eleitorais. Seja a cargos majoritários ou atuantes de alguma forma na busca de um lugar no parlamento. A festa acabou, a meta agora é o voto.

O cenário atual, sujeito a rabiscos, insere na disputa o nome de algumas mulheres que ocupam espaço diário na mídia, com movimentos declarados visando um lugar no podium ano que vem.

O nome que mais tem holofotes no momento é o de Celina Leão, por motivos óbvios. Beirando os 50 anos, em janeiro de 2023 assumiu as rédeas do Governo do Distrito Federal (GDF) interinamente, substituindo Ibaneis Rocha, punido pelo Supremo Tribunal Federal (STF), sob suspeita de pataquadas no fatídico 8 de Janeiro que ninguém esquece. De forma meteórica, Celina ganhou espaço, conjugando verbos no tempo certo, e há quem diga que seu lugar no Buriiti está garantido ano que vem. A oposição faz críticas

à sua falta de experiência, alguma dose de arrogância e ninguém aposta que a relação de afago e afeto com Ibaneis Rocha ainda é a mesma de tempos outros. Há controvérsias quanto ao delicado caso BRB-Banco Master. Quanto a sua dedicação ao trabalho, não se tem notícias negativas. No quesito simpatia pessoal junto ao público, também se destaca.

Na mesma faixa etária, disposta a desafios, a empresária Paula Belmonte, do Cidadania, não economiza energias e, dia sim dia não, visita comunidades, caminha por ruas e becos e leva recados a todas as tribos. Anuncia que será candidata ao GDF e que educação, assistência social solidária e a luta pelos direitos da mulher ocupam espaço privilegiado. Aqui mesmo, nas páginas do **Correio**, em artigo recente, manifestou sua indignação sobre a violência contra a mulher e pregou a ação urgente das autoridades. Quer um assento no Buriiti e garante luta ferrenha para chegar lá. Mãe dedicada, investe nas políticas em defesa das crianças, no seu entender o melhor caminho para um futuro melhor. Seu potencial de voto ainda será testado, mas a sua competência como parlamentar especialista garante saldo positivo.

Ainda no chamado tempo de análise e medição da temperatura do ambiente político, a deputada Bia Kicis, do PL, e a senadora Damares Alves, do Republicanos, com certeza terão espaço assegurado na busca por votos. Bia Kicis tem um histórico recheado de arruaças jurídicas contra jornalistas e veículos de comunicação. Na briga por votos, isso é ruim, mas é bom.

Sempre pronta a entrar no ringue, Damares Alves, que foi ministra de Bolsonaro, tem no

currículo uma coleção de atos polêmicos. É dela a máxima de que “menino veste azul, menina veste rosa” — frase cunhada quando se revelou defensora ferrenha da moral e dos bons costumes. Símbolo da direita feminina em Brasília, Damares é aquela mesma que, em 2023, com quase 49% dos votos para o Senado, destruiu em uma semana o reinado de Flávia Arruda, por alguns meses a queridinha do Planalto.

Ainda com ar de mistério, Michele Bolsonaro, ex-primeira dama da república, insiste em deixar no ar o que de fato pensa de sua carreira política. Pesquisas sinalizam boa aprovação de seu nome numa disputa à Presidência da República ou ainda ao comando do GDF. Fora do páreo, Bolsonaro faz charminho e não declara apoio definitivo. Talvez por birra, ou frustração. Quem é do ramo entende esse problema. O protagonismo da mulher é fato consumado.

Teremos dias de emoções para as próximas eleições. Há quem diga que José Roberto Arruda pode se livrar dos problemas com a Justiça e voltar às urnas. Izalci Lucas, agora no PL, também tem seu nome citado, e no PT a falta de um nome competitivo já incomoda Lula e vizinhos. Sem dizer sim nem não, o empresário Paulo Octávio apenas ouve convites do setor e dos amigos para que olhe para o Buriiti com lentes de aumento. Gilberto Kassab, presidente de seu partido, dá carta branca para livre escolha.

As nuvens que Ulysses Guimarães enxergava continuam mudando de lugar. Amanhecem por aqui, à tarde estão acolá. Cabeças políticas também são assim. Vá entender.